

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES • FINALISTA DO PRÉMIO GOODREADS

# SETE DIAS EM JUNHO

# TIA WILLIAMS

«Visceral, arrebatador e espirituoso...  
Uma história de amor profunda.»

VOGUE

TOP  
SEL  
LER

## PRÓLOGO

No ano da graça de 2019, Eva Mercy, de 32 anos de idade, quase morreu asfixiada com uma pastilha elástica. Estava a tentar masturbar-se quando a pastilha ficou presa na garganta, bloqueando a passagem de ar. À medida que ia perdendo os sentidos, só conseguia imaginar a filha, Audre, a encontrá-la a sacolejar-se num pijama de Natal, agarrada a uma embalagem de lubrificante de morango e a um vibrador chamado Capitão (que vibrava a uma frequência muito mais elevada do que a anunciada, a ponto de provocar asfixia por pastilha). O título do obituário seria «Morte por vibrador». Um legado pesado para uma menina de 12 anos que acabara de ficar órfã.

Porém, Eva não morreu. Acabou por conseguir cuspir a pastilha. Abalada, enfiou o Capitão numa gaveta cheia de t-shirts de concertos de *hip-hop*, pôs o antigo anel de camafeu e saiu calmamente para o corredor para ir acordar Audre, que tinha a festa de aniversário da melhor amiga nos Hamptons. Não havia tempo para se deter no seu breve encontro com a mortalidade.

Embora admitisse que era uma mãe do caraças e uma romancista competente, o verdadeiro talento de Eva consistia na capacidade de esquecer as merdas estranhas e seguir em frente. Desta vez, fê-lo tão bem que se esqueceu do óbvio.

Quando Eva Mercy era pequena, a mãe dela dissera-lhe que as mulheres crioulas viam sinais. Era uma altura em que, para Eva, a palavra «crioula» estava vagamente relacionada com o estado do Louisiana e com pessoas negras com apelidos franceses. Só quando chegou à escola secundária é que percebeu que a mãe era — qual seria a palavra mais justa? — *excêntrica* e recorria aos «sinais» para justificar os seus caprichos. («A Mariah Carey lançou um álbum chamado *Charmbracelet*? Vamos estourar a renda em amuletos de zircónia da *Zales!*») Ou seja, Eva estava programada para acreditar que o universo lhe enviava mensagens.

Por isso, deveria ter-lhe ocorrido que iria enfrentar um drama verdadeiramente transformador depois daquela Tridentada. Afinal de contas, já tivera uma experiência de quase morte.

E, na primeira experiência — tal como nesta —, acordara num mundo para sempre diferente aos seus olhos.

**DOMINGO**

## CAPÍTULO 1

# MORDE-ME

— Um brinde à nossa deusa do sexo, Eva Mercy! — clamou um anjo de mulher, erguendo um copo de champanhe. Eva, com a garganta ainda áspera devido ao incidente do dia anterior, tossiu para disfarçar um resfôlego ao ouvir as palavras «deusa do sexo».

As 40 mulheres que enchiam as longas mesas de jantar aplaudiram ruidosamente. Estavam tocadas. O clube de leitura, composto por barulhentas mulheres brancas de classe média-alta a caminho dos 60 anos, viajara de Dayton, no Ohio, até Manhattan para marcar presença num *brunch* de homenagem a Eva. A ocasião era o 13.º aniversário da sua coleção de livros eróticos, *Amaldiçoados*, campeã de vendas (bem, ex-campeã de vendas).

Lacey, a presidente do grupo, ajustou o chapéu de bruxa roxo que tinha na cabeça e virou-se para Eva, à cabeceira da mesa.

— Hoje — bramiu —, celebramos o dia mágico em que conhecemos o nosso vampiro de olhos de bronze, Sebastian, e o seu verdadeiro amor, a intrépida e inofensiva bruxa Gia!

As mesas irromperam em berros. Eva estava aliviada por o delirantemente piroso restaurante da Times Square inspirado no tema do sadomasoquismo, Um Lugar para Dizer Sim, lhes ter atribuído uma sala privada. O teto estava forrado com veludo vermelho e as paredes, decoradas com uma teia de cordas de *bondage* e chibatatas.

Lustres góticos balançavam perigosamente baixo sobre as mesas lacadas a preto.

A Ementa da Dor ou do Prazer era a atração turística. Dependendo da escolha, os empregados de mesa em roupa de *bondage* podiam dar uma leve chibatada, fazer uma *lap dance*, ou outra coisa qualquer. Se o cliente desejasse.

Eva não o desejava. Mas também não era uma desmancha-prazeres, e as Verdadeiras Donas de Casa de Dayton tinham vindo de muito longe. Aquela era a sua gente, o fervoroso clube de fãs que a mantinha à tona. Sobretudo nos tempos mais recentes, em que o fenómeno dos vampiros (e as vendas dos seus livros) tinha esmorecido.

Assim, Eva olhou para a ementa e escolheu «Algemas + Bolachas». E agora estava sentada num trono gótico, com as mãos algemadas atrás da cadeira, enquanto uma empregada de mesa enfasiada num espartilho de pele artificial lhe dava biscoitos de canela à boca.

Eram 14h45.

Deveria sentir-se mortificada. Mas a cena não lhe era estranha. Afinal de contas, Eva escrevia pornografia de caixa de supermercado. Enquanto a maioria dos escritores tinha compromissos para ir falar em livrarias, universidades e casas privadas sofisticadas, os eventos de Eva eram, digamos, mais lúbricos. Já tinha participado em sessões de autógrafos em *sex shops*, clubes de burlesco e sessões de formação tântrica. Tinha inclusivamente vendido livros na festa que se seguira ao evento Feministas em Filmes para Adultos, em 2008.

Eram os ossos do ofício. Sorria com condescendência ao ver as suas leitoras a deixarem-se arrebatadas pelos dois casos perdidos cheios de tesão, disfuncionais e eternamente jovens que ela inventara quando era, ela própria, um caso perdido de 19 anos cheia de tesão e disfuncional.

Eva nunca tivera a intenção de transformar o seu nome num sinónimo de bruxas, vampiros e orgasmos. Com uma especialização dupla em escrita criativa e melancolia avançada, tropeçara acidentalmente naquela vida. Estava no segundo ano da faculdade, nas férias de inverno. Não tinha para onde ir. Assim, enfiara-se no seu quarto da residência de estudantes e vertera toda a sua angústia de

adolescente e os seus devaneios de apreciadora de terror num festim de luxúria e violência, que a colega de quarto enviara secretamente para o concurso de Nova Ficção da revista *Jumpscare*. Eva conquistara o primeiro prémio e tivera direito a um agente literário. Três meses depois, abandonava a faculdade com um acordo milionário para escrever livros.

Não deixava de ser irónico que ganhasse a vida a escrever sobre sexo sensual. Eva não se lembrava da última vez em que tinha estado nua com alguém, morto-vivo ou de qualquer outro tipo. Entre a escrita, as digressões, ser mãe de uma pré-adolescente em ebulição e lutar contra uma doença crónica que umas vezes era controlável e outras completamente debilitante, estava demasiado esgotada para um romance com um pénis a sério.

O que não tinha problema nenhum. Quando sentia uma comichão, esfregava-a nos seus livros. Como um pugilista em abstinência antes de um grande confronto, Eva fazia uso do desejo sexual não consumado para dar à história de Sebastian e Gia um toque de delírio. Era pólvora fictícia.

Contudo, na era das redes sociais, ninguém queria imaginar a sua autora de livros eróticos preferida completamente pedrada com analgésicos e a babar-se no sofá às 21h15 todas as noites. Por conseguinte, Eva apresentava-se sempre impecável, numa elegante abordagem de maria-rapaz à sensualidade. Nesse dia, no restaurante, envergava uma t-shirt cinzenta, ténis *Adidas*, calças de ganga, argolas douradas *vintage* e olhos pintados de um tom preto esfumado. Com os característicos óculos de secretária sensual e caracóis a caírem-lhe sobre a clavícula, não estava longe de conseguir convencer qualquer pessoa de que era uma devoradora de homens.

Eva era uma fingidora extraordinária.

— E bem hajás — continuou Lacey — por reforçares a nossa fé na paixão, mesmo que a Gia e o Sebastian estejam destinados a acordar em lados opostos do mundo depois do orgasmo devido a uma maldição ancestral. Deste-nos uma comunidade. Uma obsessão. Mal posso esperar pelo *Amaldiçoados, Livro Quinze!*

Entre aplausos, Eva mostrou um sorriso amplo e tentou levantar-se. Infelizmente, esqueceu-se de que estava algemada à cadeira e foi puxada abruptamente para baixo. Toda a gente susteve a respiração quando ela caiu, desamparada, no chão. A empregada vestida de dominadora entrou em ação com dois segundos de atraso e desalgemou-a da cadeira tombada.

— Uau, demasiado *Merlot* — disse Eva, entre sorrisos, ao levantar-se. Era mentira; não podia ingerir bebidas alcoólicas devido aos seus problemas de saúde. Dois goles levá-la-iam às urgências do hospital.

Ergueu o seu copo de água com gás para o mar de mulheres sessentonas alegremente embriagadas. A maioria, como era o caso de Lacey, estava a usar o chapéu roxo característico de Gia. Algumas tinham um ostensivo pingente com a letra «S» pregado às blusas *Chico's*. Era o «S» de Sebastian, que emulava a assinatura rabiscada do vampiro (à venda por 29,99 dólares no site [evamercymercyme.com](http://evamercymercyme.com)).

Eva tinha o mesmo «S» tatuado no antebraço. Uma decisão lamentável tomada anos antes por uma mulher confusa numa noite confusa.

— Não tenho palavras para vos agradecer — disse de jorro. — A sério, o vosso apoio é o que faz girar o mundo de *Amaldiçoados*. Espero que o livro 15 corresponda às vossas expetativas.

*Se eu alguma vez o escrever.* Tinha uma semana para entregar o manuscrito e, paralisada com um bloqueio criativo, contava apenas com cinco capítulos mal-amanhados.

Mudou de assunto num ápice.

— Então, alguém lê a revista *Variety*?

Era um grupo mais virado para a *Redbook* e para a *Martha Stewart Living*, por isso, não.

— Surgiram notícias entusiasmantes ontem. — Eva pousou o copo e enrolou os dedos, com as unhas pintadas de preto, debaixo do queixo. — O nosso desejo foi-nos concedido. A coleção *Amaldiçoados* já tem os direitos cinematográficos adquiridos!

Ouviram-se gritos agudos. Alguém atirou um chapéu de bruxa para o ar. Uma loura corada pegou num *iPhone* à pressa e gravou o discurso de Eva para o poder publicar na página de fãs de *Amaldiçoados*, no



*Facebook*. Juntamente com várias contas de fãs no *Tumblr* e no *Twitter*, o *Facebook* era uma plataforma de promoção de livros extremamente importante para Eva, na qual as leitoras partilhavam obras artísticas de fãs, trocavam mexericos, escreviam ficção obscena e debatiam decisões de escolha de elenco para o filme com que fantasiavam há muito anos.

— Consegui uma produtora — *uma mulher negra, graças a Deus* — que compreende bem o nosso mundo. O último filme que produzi foi uma curta-metragem escaldante para o Festival de Sundance sobre uma agente imobiliária que seduziu um lobisomem! Neste momento, estamos a entrevistar realizadores.

— O Sebastian no cinema! Conseguem imaginar? — disse uma ruiva falsa, arrebatadamente. — Só precisamos de um ator negro com olhos cor de bronze. Um que morda bem.

— Eva, como é que eu peço ao meu marido para me morder? — perguntou uma sócia de Meryl Streep, com a voz lastimosa. A conversa sobre sexo acabava sempre por surgir.

— A excitação através de mordidelas tem uma designação, sabias? Chama-se odaxelagnia — informou Eva. — Diz-lhe que é o que queres. Sussurra-lho ao ouvido.

— *Odaxelagnia-me* — disse Meryl, com a voz arrastada.

— Soa bem — observou Eva, piscando-lhe olho.

— Estou em pulgas para ver a Gia no grande ecrã — interveio uma morena de voz rouca. — É uma guerreira tão destemida. O Sebastian é, pretensamente, a personagem mais assustadora, mas ela matou exércitos de caçadores de vampiros para o proteger.

— Não é? A força da paixão de uma adolescente seria suficiente para dar energia a nações inteiras. — Com um brilho nos olhos, Eva lançou-se no minimonólogo que aperfeiçoara há muito tempo. Era uma das partes que continuava a ser agradável. — Ensinam-nos que os homens são todos impulso e *id*, mas as mulheres chegam lá primeiro.

— E depois a sociedade arranca-no-lo — disse a morena.

— Sem dúvida. — Eva sabia que a dor estava iminente. Antes de um episódio, a máscara caía-lhe e o lado negro revelava-se. — Olhem para a história — continuou, esfregando a têmpora. — A Roxanne Shanté

a superar, com 14 anos, homens feitos na arte do *rap*. A Serena a vencer o US Open com 17 anos. A Mary Shelley a escrever *Frankenstein* com 18 anos. A Josephine Baker a conquistar Paris aos 19 anos. O diário do liceu da Zelda Fitzgerald era tão impressionante que o seu futuro marido lhe roubou *passagens inteiras* para escrever *O Grande Gatsby*. A poetisa do século XVIII Phillis Wheatley publicou o primeiro poema aos 14 anos, quando era escrava. Joana d'Arc. Greta Thunberg. As raparigas adolescentes reconfiguram o raio do mundo.

Um silêncio eletrizante abateu-se sobre o grupo. Mas Eva estava a desfalecer. A palpitação nas têmporas agudizava-se a cada milissegundo. O açúcar agravava o problema, e ela fora obrigada a comer todas aquelas bolachas. Sabia que não as deveria ter comido, mas tinha sido algemada.

Absorta, puxou a pulseira de borracha que usava sempre no pulso. Era uma distração da dor. Um velho truque.

— Lembram-se de quando a Kate Winslet sai do *Titanic*? — perguntou a morena. — *E depois volta atrás* para ficar com o Leo? É a paixão de uma rapariga adolescente.

— Eu faria isso hoje para ficar com o Leo — admitiu Lacey — e tenho 41 anos. — Tinha 55.

— Tal como a Gia — disse, com um suspiro, uma mulher pequena e delicada com um puxo postiço. — Em todos os livros, ela luta para voltar a ficar com o Sebastian, apesar de saber que, quando fazem sexo, estão condenados a voltar a ficar longe um do outro.

— É uma metáfora — disse Eva, com a visão cada vez mais desfocada. — Por mais perigoso que seja o trajeto, nunca nada está terminado para verdadeiras almas gémeas. Quem é que *não* quer uma relação cuja chama se mantenha para sempre, apesar da distância, do tempo e das maldições?

Ela não queria. A ideia de amor perigoso dava-lhe voltas ao estômago.

— Confissão — sussurrou uma loura afogueada que já ia no quarto copo de *rosé*. — O meu filho joga basquetebol na Ohio State, e eu fico tão excitada durante os jogos. Para mim, todos aqueles belos jogadores negros são o Sebastian.

Atónita, Eva engoliu a água com gás com dificuldade.

*Vai ser este o meu legado, pensou. Tenho amigos a organizar manifestações de protesto e a ganhar prémios Pulitzer com ensaios na New Yorker sobre a raça na América. A minha própria filha é tão militante que implorou insistentemente a um polícia que a prendesse na Marcha da Escola Preparatória em Midtown Manhattan. Mas o meu contributo para estes tempos conturbados será incitar mulheres brancas de certa idade a despreverem sexualmente estudantes negros que jogam basquetebol e que, na verdade, não têm outra ambição senão chegar à NBA em paz.*

A cabeça de Eva foi assolada por um martelar ensurdecido. Com os dedos trémulos, agarrou a beira da cadeira, retesando-se a cada pancada. O mundo ficou turvo. Os traços dos rostos das outras mulheres começaram a derreter-se, como os relógios de Dali; a confluência de perfumes na sala deixou-lhe o estômago a balançar e o martelo começou a bater-lhe na cara com cada vez mais força e rapidez, com o objetivo de a ferir, e ela começou a ouvir tudo a decibéis dilacerantes: o ar condicionado, os talheres a tilintar, e, Deus do céu, alguém abriu o papel de um rebufado no Connecticut?

Aquelas enxaquecas violentas e implacáveis que a torturavam desde a infância e deixavam os mais consagrados especialistas da Costa Este estupefactos intensificavam-se sempre com uma rapidez estonteante.

As pálpebras de Eva começaram a cair. Num disfarce bem praticado, ergueu as sobrancelhas para se mostrar alerta, lançando um sorriso deslumbrante para o público. Ao olhar para aquelas mulheres devassas, sentiu a inveja fina que sentia sempre que estava num grupo. Aquelas mulheres eram normais. Eram capazes de fazer coisas.

Coisas estúpidas e triviais. Como atirar-se de cabeça para uma piscina. Manter uma conversa durante mais de 20 minutos. Acender velas perfumadas. Beber demais. Sobreviver a uma viagem na linha F do metro enquanto um saxofonista tocava *Ain't Nobody* em altos berros na carruagem durante nove paragens. Desfrutar do sexo em diferentes posições. Sorrir com demasiada vontade. Chorar com demasiado ímpeto. Respirar demasiado fundo. Caminhar com demasiado desembaraço.

Viver, ponto final. Eva apostava que aquelas mulheres eram capazes de fazer a maior parte de todas aquelas coisas sem que uma agonia

dilacerante se abatesse sobre elas, como um castigo de um deus zangado. Como seria esse luxo de não sofrer?

*Sou uma alienígena*, pensou. Sempre sentira que estava a fazer-se passar por um ser humano, e já tinha aceitado a ideia. Mas nunca deixara de imaginar como seria não ter aquela doença.

— Uhhh... Deem-me licença por um segundo — titubeou. — T... tenho só de ligar para a minha filha.

Pegou na mala, calmamente, e precipitou-se para a porta de veludo vermelho da sala privada. Serpentou por entre mesas de teatristas a falarem efusivamente sobre o musical *Hamilton* e vislumbrou a casa de banho das mulheres atrás da zona da rececionista. Acelerou o passo, entrou de rompante num cubículo para deficientes com um lavatório e vomitou para a sanita.

Deixou-se ali ficar durante alguns instantes, a respirar fundo ao sabor da dor, tal como a equipa de neurologistas, acupunturistas e curandeiros orientais a que já tinha recorrido lhe ensinara. Depois, voltou a vomitar.

Cambaleante, agarrou a borda do lavatório para se equilibrar. O *eyeliner* estava esborratado. Era por isso que ela o usava esfumado. Nunca sabia quando seria acometida por um episódio, pelo que, se optasse por uma maquilhagem com a estética de uma Rihanna às três da manhã, poderia fingir que era propositado.

Retirou a caixa de injeções de analgésicos descartáveis da mala. Baixou as calças de ganga, deixando exposta a coxa salpicada de cicatrizes, espetou a agulha e atirou-a para o lixo. Por precaução, abriu uma lata de rebuçados e tirou uma goma de marijuana medicinal em forma de ursinho (prescrita por um dos principais especialistas em terapêutica da dor de Nova Iorque, muitíssimo obrigada). Trincou uma orelha. *Que se lixe*, pensou, e enfiou a goma inteira na boca. Aquilo serviria para aliviar a dor até à noite para se poder aguentar durante os rituais que tinha com a filha depois da escola e, a seguir, cair na cama.

Com muito cuidado, encostou-se à parede de azulejo. As pálpebras fecharam-se devagar.

A doença não era sensual. E a deficiência de Eva era invisível: não lhe faltava um membro nem tinha o corpo todo engessado. Tinha um nível de sofrimento que os outros nunca poderiam compreender. Afinal de contas, toda a gente sentia dores de cabeça de vez em quando, como quando tentavam deixar de beber café ou quando estavam com gripe. Por isso, Eva escondia a sua doença. As pessoas só sabiam que ela cancelava planos muitas vezes («Ocupada a escrever!»). E tinha tendência a desmaiar, como acontecera no casamento de Denise e Todd («Demasiado *prosecco!*»). Ou esquecia-se das palavras a meio da frase («Desculpem, estava distraída»). Ou desaparecia durante semanas («Retiro para escrever!», e não, de maneira nenhuma, um internamento na ala de tratamento da dor do Hospital Mount Sinai).

Era mais fácil dizer umas mentirinhas inocentes do que a verdade.

A propósito: o que é que aquelas mulheres orgásticas do Ohio pensariam se soubessem que ela tinha vontade de estrangular Sebastian e Gia? Fazê-los desaparecer para onde quer que aqueles cabrões do *Crepúsculo* se evadiam?

Ao início, Eva adorava os livros que escrevia. Escrevia para se divertir, as ideias a crepitarem como um incêndio descontrolado. Depois, começou a escrever para as leitoras. Por fim, limitava-se a aproveitar as ideias de enredos que lia nas secções de comentários de sites de fãs de *Amaldiçoados* — o cúmulo da batota para uma escritora.

Já não conseguia promover o «romance torturado». No passado, achava que o amor só era verdadeiro se fizesse jorrar sangue. Ela, Sebastian e Gia haviam sido adolescentes, a partilhar o mesmo cérebro retorcido. Sebastian e Gia não cresceram. Mas Eva crescera.

Querida que a coleção *Amaldiçoados* morresse, mas aqueles livros permitiam-lhe garantir uma vida estável e segura para Audre. Eva fizera das tripas coração para poupar a filha à infância que ela tivera. E conseguira. Desejava apenas voltar a sentir aquela faísca. Talvez o filme pudesse ajudá-la a resgatá-la.

Além disso, no fundo, tinha esperança de que lhe permitisse começar de novo. Com o que iria receber, poderia, finalmente, fazer uma pausa na escrita de *Amaldiçoados* e trabalhar no livro com que sonhava,

o que lhe borbulhava sob a pele há séculos. Eva era muito mais do que aqueles romances tolos e devassos (pelo menos, assim esperava). Chegara o momento de o provar a si própria.

Sentindo-se um pouco melhor, bochechou com o elixir de viagem que trazia na mala. Quase inconscientemente, levou o dedo médio da mão esquerda, no qual usava sempre o anel de camafeu *vintage* (sentia-se nua sem ele), ao nariz e inspirou. Era um hábito antigo — o cheiro quase impercetível do perfume de uma mulher qualquer que o usara num passado distante deixava-a sempre mais calma.

Por fim, na quietude do momento, decidiu consultar o telemóvel.

**Hoje, 12h45**

**Rainha Cece**

MINHA CARA. Onde estás? Como tua editora, ESPERO que estejas a escrever. Como tua melhor amiga, EXIJO que faças uma pausa. Tenho GRANDES NOTÍCIAS. Responde-me.

**Hoje, 13h11**

**Sidney, a Produtora**

Estou a tentar falar contigo há três horas! Penso que encontrámos a nossa realizadora! Liga-me.

**Hoje, 14h40**

**Minha Bebê**

Compraste-me as penas pró meu projeto de arte #icorefeminista preciso delas pró retrato da avó sobretudo pró cabelo era tão fofo obg mãe bom almoço sexual embaraçoso bjs

**Hoje, 15h04**

**Jackie, a Estranhamente Hipocondríaca Babysitter que Só Uso em Caso de Emergência**

A Audre já voltou do almoço de pizza da Equipa de Debate. Mas trouxe 20 miúdos com ela. Escrevi no meu perfil do ChildCare.com que não trabalho com grupos grandes. (Agorafobia, germofobia, claustrofobia.)

— Céus, Audre — resmungou Eva.

Atordoadada com a mistura da goma com a injeção, chamou um Uber, pediu desculpa às Artistas do Ohio e, seis minutos depois, estava a caminho de Brooklyn.

## CAPÍTULO 2

# SUPERMÃE SOLTEIRA

— Jackie! Onde está a Audre?  
Sem fôlego, Eva parou à entrada do apartamento. Varreu apressadamente com o olhar o espaço luminoso e eclético à sua frente. As almofadas e os tapetes indonésios (da loja HomeGoods) estavam no devido lugar. Não havia nenhum livro desalinhado na estante que ocupava toda a parede atrás do armário púrpura que ela comprara aquando da morte de Prince. A sua casa em Park Slope, inspirada no *Pinterest*, estava exatamente como a deixara.

Park Slope era um bairro de Brooklyn armado em *hippie* e completamente descaraterizado com famílias liberais abastadas. A maioria dos pais tivera os filhos já bem depois dos 30 anos, com a carreira consolidada na comunicação social, na publicidade, no mundo editorial ou, num caso muito famoso, na composição das canções do filme *Frozen*. Constituído maioritariamente por brancos, o bairro transmitia uma *sensação* de diversidade devido aos casos pontuais de pais do mesmo sexo e crianças birraciais (predominantemente em combinações de asiáticos e judeus, negros e judeus ou asiáticos e negros).

Eva e Audre destacavam-se porque: (a) Eva era uma década mais nova do que as outras mães; (b) Eva era solteira; e (c) Audre tinha uma mãe negra e um pai negro, e não um pai judeu ou vietnamita. Ou mulher.



— Oh, olá. — Jackie, a babysitter, estava a relaxar no sofá com os pés apoiados numa otomana pouco convencional.

— Jackie, eu estava a *trabalhar*! Vim a correr de Times Square para aqui!

— A pé? — Jackie, estudante de Teologia na Universidade Columbia, era muito literal.

Eva ficou a olhar para ela.

— A Audre está no quarto com os miúdos. No *Snapchat*.

Eva semicerrou os olhos e fechou as mãos em punhos.

— *Audre Zora Toni Mercy-Moore!*

Ouviu murmúrios vindos do quarto de Audre, ao fundo do pequeno corredor. Depois, algo a cair. Risadas. Por fim, Audre abriu a porta e saiu, com um sorriso comprometido.

Com 12 anos, Audre era da altura de Eva, com covinhas, caracóis e tez cor de avelã. Mas seguia o estilo de Willow Smith e Yara Shahidi, daí os dois puxos enrolados no cimo da cabeça, o top curto tingido em *tie-dye*, os calções cortados e os ténis *Fila*. Com pestanas quilométricas e uma postura desajeitada, parecia o Bambi a participar no Festival de Coachella pela primeira vez.

Troteou em direção à mãe e deu-lhe um abraço apertado.

— Mãe! Estás com as minhas calças de ganga? Ficas tão giraaaa. — Prolongou os *as*, não os *is*.

Eva desembaraçou-se dos braços de Audre.

— Eu disse que podias trazer a equipa de debate inteira cá para casa?

— Mas... nós estávamos só...

— Pensas que eu não sei o que estavam a fazer? — Eva baixou a voz.

— Cobraste-lhes alguma coisa?

Audre ficou atrapalhada.

— Cobraste-lhes... alguma... coisa?

— É UMA TROCA DE BENS, MÃE! Eu ofereço serviços de aconselhamento e eles pagam-me! Toda a gente da Escola Preparatória Cheshire está viciada nas minhas sessões de terapia no *Snapchat*. Lembras-te daquela em que curei o medo que a Delilah tinha de voar em classe económica? Sou uma lenda.

— És uma criança. Quando estás com sono, ainda te enganas a pronunciar «pequeno-almoço».

Audre suspirou.

— Ouve, quando eu for uma terapeuta famosa a ganhar muitos milhões por ano, ainda nos vamos rir disto, enquanto tomamos chá de bolhas.

— Já te disse para parares com essa coisa da terapia — retorquiu Eva, num tom sibilante. — Não te mando para aquela escola privada toda catita para extorqueres o dinheiro do almoço àqueles miúdos brancos.

— Ressarcimento — disse Jackie do sofá.

Eva sobressaltou-se, esquecida de que a babysitter ainda estava na sala. Sentindo que ia ser dispensada, Jackie bateu em retirada porta fora, enquanto Audre a assassinava com os olhos.

Virou a cabeça para a mãe, num movimento brusco, e disse:

— Já não tenho idade para ter uma babysitter! E a Jackie é *completamente do piorio*, com aqueles olhos avaliadores e aqueles *Crocs* com meias.

— Audre — começou Eva, esfregando a têmpora. — O que é que eu digo sempre?

— Resistir, persistir, insistir — recitou Audre.

— E que mais?

— Nunca tive tanto sono como tenho neste momento.

— E QUE MAIS?

Audre suspirou, derrotada.

— Eu confio em ti, tu confias em mim.

— Exatamente. Quando infringes as minhas regras, não posso confiar em ti. Estás de castigo. Ficas sem dispositivos eletrónicos durante duas semanas.

Audre guinchou. O barulho repercutiu-se na cabeça de Eva durante 30 segundos.

— SEM TELEMÓVEL? O que é que eu vou fazer?

— Sei lá! Lê os livros dos *Arrepios* e escreve poemas para o Usher, como eu fazia quando tinha a tua idade.

Eva disparou pelo corredor fora e entrou no quarto de Audre. Havia 20 raparigas amontoadas nos beliches e no chão, uma mancha de pele bronzeada com as férias de primavera e tops curtos.

— Olá, meninas! Sabem que são sempre bem-vindas a esta casa se a Audre me pedir autorização. Mas não pediu, por isso... toca a andar. — Eva lançou-lhes um sorriso aberto, um cuidado necessário para não manchar a reputação de «mãe porreira», algo que não devia ter importância, mas tinha.

— Vamos organizar uma festa do pijama em breve — prometeu Eva. — Vai ser de arromba!

— *Diz-me que não acabaste de dizer «de arromba»* — lamuriou-se Audre, da sala de estar.

Uma a uma, as raparigas saíram do quarto, em fila. Audre estava de ombros caídos, um salgueiro-chorão vergado de infelicidade. Tirou um maço de notas do bolso de trás e, à medida que as raparigas iam saindo, entregou a cada uma os 20 dólares devidos. Algumas das raparigas abraçaram-na. Parecia um ritual funerário.

— Alto lá! — Eva reparou num rapaz louro que tentava sair despercebido no meio do grupo. Ele endireitou-se a toda a sua altura, três cabeças bem medidas acima de Eva.

— E tu quem és?

— Ohmeudeus, mãe. É o irmão emprestado da Coco-Jean.

— És o irmão emprestado da Coco-Jean? Porque é que és tão alto?

— Tenho 16 anos.

— Andas na escola secundária? — Eva olhou, furiosa, para Audre, que foi a correr pelo corredor e se atirou para a cama de baixo do beliche.

— Ando, mas é na boa. Estou no programa do quadro de honra da escola Dalton.

— Oh, morro de alívio. E porque é que andas metido no meio de miúdas de 12 anos?

— A Audre é, tipo, uma especialista mental sobredotada. Tem andado a ajudar-me a controlar a ansiedade que sinto por causa da minha intolerância ao glúten.

— Uma pergunta rápida: foi a minha filha que diagnosticou essa intolerância ao glúten?

— Ele tem episódios sempre que come *focaccia* ou *crostini*! — gritou Audre, do quarto. — O que é que *tu* achas que é?

— Bem, pareces ser um bom — *crédulo* — rapaz, mas, quanto a estares aqui na minha casa sem que eu tenha conhecimento, é um rotundo não.

— Nem acredito que não fui à minha aula de violino de *hip-hop* para ouvir isto — resmungou ele, saindo desembestadamente.

Eva encostou-se à porta por um instante a tentar decidir até que ponto se iria passar. Naqueles momentos, desejava ter o tipo de mãe a quem pudesse telefonar para pedir conselhos.

Tinha um ex-marido, mas também não podia ligar-lhe para lhe pedir conselhos. Troy Moore, animador da Pixar, tinha dois estados de espírito: bem-disposto e muito bem-disposto. Emoções complicadas perturbavam a visão que tinha do mundo. Fora por isso que Eva se apaixonara por ele. Troy fora um raio de luz numa altura em que tudo o mais no mundo de Eva era negro.

Tropeçara nele, literalmente, à entrada do Hospital Mount Sinai. Troy era voluntário e desenhava retratos para os pacientes. Eva percebera que gostava dele quando se apressara a esconder as nódoas negras da terapia intravenosa nos braços (como resultado da estadia de uma semana no piso de cima). Ao fim de seis semanas de encontros românticos, espirituosos e ternos, casaram-se na câmara municipal. Audre nasceu sete meses depois. Mas, nessa altura, eles já estavam distantes. A mulher por quem Troy se apaixonara, a mulher que era capaz de manter uma espontaneidade efervescente nos encontros e nas noites licenciosas era diferente em casa. Aturdida com a dor e os comprimidos. E a doença de Eva não demorou a assoberbar a vida de Troy, pondo termo à paciência e sufocando o amor.

Troy pertencia à Igreja dos que Só Têm Pensamentos Positivos. Apesar de ver Eva a sofrer — as noites em que ela batia repetidamente com a cabeça na cabeceira da cama ao dormir, ou a vez em que desmaiara durante uma exibição de *Velocidade Furiosa*, na Blockbuster —,

acreditava que o verdadeiro problema era a forma como ela via as coisas. Não conseguiria melhorar com meditação? Enviar energia positiva para o universo? (Eva ficava sempre perplexa com isto. *Qual* universo? Será que ele poderia mostrar-lhe os atalhos? Alguém iria receber a energia positiva quando esta aterrasse, e iria a anfitriã ser Glinda de *O Feiticeiro de Oz*, representada por Lena Horne, como ela imaginava?)

Certa vez, tendo ficado a trabalhar até tarde na Pixar, Troy fora deitar-se junto da sua mulher, que estava em posição fetal. Eva tinha acabado de injetar *Toradol* na coxa, e um pouco de sangue escorrera do penso rápido para os lençóis cinza-azulados. Incapaz de se mexer devido à dor intensa, deitara-se sobre a mancha de sangue. Com os olhos entrefechados, viu repugnância e, de forma latente, martírio.

Eva era nojenta. Não se esperava que as mulheres bonitas fossem nojentas. Silenciosamente, Troy esgueirara-se da cama e fora dormir no sofá — e nunca voltara para a cama. Na sessão de terapia de casal, admitira a verdade.

— Eu queria uma mulher — queixara-se. — Não uma doente.

Troy era demasiado educado para acabar com a relação. Por isso, Eva libertara-o. Audre tinha 19 meses de idade; Eva tinha 22 anos.

Troy acabara por iniciar uma vida extremamente feliz com a segunda mulher: uma praticante de yoga chamada Athena Marigold. Usavam palavras como «paleo» e «artesanal» e viviam em Santa Mónica, onde Audre passava os verões. No domingo seguinte, ia apanhar o avião para a «Papafórnica» (o nome que Audre dava às viagens que fazia para a Costa Oeste), onde Troy se excedia enquanto pai des preocupado de verão.

Mas coisas mais complicadas? Um *quase homem* escondido no quarto da filha? Não era o território dele.

Eva dirigiu-se, cambaleante, para o sofá. Nunca fora capaz de pensar com clareza com calças de ganga vestidas, pelo que se meneou para as tirar. Sentada, com as cuecas de Mulher Maravilha, procurou no *Google*, no telemóvel «Dicas para disciplinar pré-adolescentes». O primeiro artigo que apareceu sugeria um «contrato comportamental». Eva não tinha nem a proficiência jurídica nem a energia para elaborar

um contrato! A bufar, atirou o telemóvel para o lado e ligou a *Apple TV*. Quando a vida se tornava demasiado desafiante, via a série *Insecure*.

— Mãe?

Eva olhou para cima e viu Audre enquadrada pela entrada abobadada com 120 anos. Tinha o rosto empolado e raiado pelas lágrimas. Acrescentara um xaile preto e uns óculos *Ray-Ban* gigantes à sua indumentária.

Eva tentou manter um ar severo. Não era fácil sem as calças.

— Audre, o que é isso que tens vestido?

— Este é o meu traje de Melancolia Sofisticada.

— Acertaste em cheio — admitiu Eva.

Audre aclarou a garganta.

— A terapia é a minha vocação. Mas eu devia ter deixado de dar consultas quando tu me mandaste. Peço desculpa por isso e por ter recebido o irmão da Coco-Jean. Embora estejas a ser um pouco heterotípica ao assumires que estamos a ser... estranhas só por ele ser rapaz.

*Heterotípica*. As escolas privadas de Brooklyn produziam alunos ultraprogressivos. Protestavam contra a proibição do aborto e marchavam a favor do controlo de armas. No mês anterior, a turma de Audre, do 7.º ano, carregara baldes de água ao longo de três quilómetros no Prospect Park para se solidarizar com a luta das mulheres subsarianas.

O lado bom? Uma educação liberal de primeira água. O lado mau? Miúdos que tinham dificuldade em dividir números decimais ou em nomear a capital de um estado dos Estados Unidos.

— Dás-me só um segundo, querida? — pediu Eva, suspirando e fechando os olhos. — Tenho de pensar.

Audre sabia que «pensar» significava «descansar a cabeça» e voltou para o quarto, amuada. A observá-la com um olho aberto, Eva sentiu uma pontada de sofrimento. Audre era a miúda mais sonhadora e encantadora do mundo. De repente, tornara-se um revirar de olhos em forma de ser humano. Os 13 anos estavam a chegar, e quem poderia saber que horrores iriam trazer? Ia começar a sair às escondidas, ou aprender a mentir, ou descobrir a erva. Mas não a de Eva, que estava bem escondida na gaveta do vibrador.

Foi então que o seu telefone tocou. Era Cece Sinclair, a sua melhor amiga e a mais famosa editora literária da editora Parker + Rowe.

Eva atendeu com um atormentado:

— O que fooui?

— Estás viva!

— Segundo o meu *Fitbit*, estou morta há várias semanas.

— Estás em casa. Estou a ouvir a Issa Rae. Eu estou aqui fora; vou entrar.

Cece assomou à porta poucos segundos depois. Era avassaladora em todos os aspetos: um metro e oitenta, pele de chocolate quente cremoso, caracóis pintados de louro. Produto da Spelman College, de verões nas vinhas e de cotilhões de luvas brancas com debutantes dos Dez Talentosos, usava quase exclusivamente roupa *vintage* da *Halston* e parecia sempre saída de uma capa da *Vogue* de 1978. Ou pelo menos alguém que conhecia Pat Cleveland.

E, na verdade, conhecia. Cece conhecia toda a gente. Com 41 anos, era há muito uma das editoras mais ilustres do setor, mas chamavam-lhe, oficiosamente, Rainha Social dos Letrados Negros. Arrebanhava autores, apoiava-os e suspirava enredos com cocktails na mão. E as festas que organizava exclusivamente para membros do mundo da literatura/arte/cinema eram lendárias. Eva descobrira tudo isto logo após ter vencido o concurso de contos e Cece se ter tornado sua editora.

No almoço em que se conheceram, no *campus* da Universidade de Princeton, Cece olhara para os «olhos de corsa assombrada e caracóis caóticos de poetisa de café» (uma descrição que repetia com frequência) e a sua alma gritara: *Projeto!*

De súbito, Eva passara a ter uma extremosa irmã mais velha. Cece ajudara-a a mudar-se para Brooklyn, a desistir dos vícios que tinha e a aprender a arte de manutenção dos caracóis. Além disso, apresentara-a a um círculo social de jovens escritores em ascensão.

Cece era mandona como o raio, mas tinha feito por o merecer. Não existiria uma Eva sem ela.

A trautear, o mulherão cheio de *glamour* desapareceu na cozinha e reapareceu poucos segundos depois com um copo de *pinot grigio*

e o pacote de gelo que Eva mantinha no congelador. Sentou-se ao seu lado e pousou o pacote gelado no cimo da cabeça da amiga com um floreado, como se de uma coroa se tratasse.

Cece era uma das poucas pessoas que conhecia verdadeiramente o problema de Eva e ajudava-a como podia.

— Estou aqui — anunciou com grandiloquência — para discutir a mesa-redonda do Estado do Autor Negro.

— O evento do Museu de Brooklyn que vais moderar amanhã à noite? A Belinda é uma das participantes, não é? — A célebre poetisa Belinda Love era uma boa amiga de ambas.

— Tia Cece! — Audre voltou a aparecer, com a terceira roupa diferente do dia: um pijama com um unicórnio em néon.

— Audre, fofa! Tenho andado a pensar em enviar-te uma mensagem para te pedir conselhos sobre gestão da tensão. A renovação da minha cozinha está a dar cabo de mim.

Audre atirou-se para o colo de Cece.

— Tenta meditação com chocolate. Pões um bombom *Hershey's Kisses* na boca e sentas-te em silêncio enquanto derrete. Não mastigas. É uma questão de *mindfulness*.

— Não duvido, boneca, mas existe alguma opção sem açúcar?

— Cece, foca-te — reclamou Eva, pressionado o pacote de gelo contra a têmpora. — A mesa-redonda?

— Ah. Houve uma autora que desistiu. Apanhou salmonela numa rolote de comida, na Colúmbia Britânica.

Audre franziu a testa.

— A Colômbia tem uma secção britânica?

*Escolas de Brooklyn voltam a atacar*, pensou Eva. *Nenhuns conhecimentos de geografia, mas um ás no mindfulness.*

— A Colúmbia Britânica é no Canadá, querida — disse Eva.

— Interessante. Eu podia ter ido pesquisar se tivesse um telemóvel. — Amuada, Audre levantou-se e voltou a desaparecer no quarto.

— Resumindo — continuou Cece —, propus-te como substituta. Estás na mesa-redonda! — Abanou os ombros, satisfeita com o seu toque de magia. — Todos os meios de comunicação social relevantes



estão convidados. Vai ser transmitido em *live streaming*. Este é o impulso de carreira de que precisas.

O rosto de Eva ficou sem pinta de sangue.

— Eu? Não. Não posso... Eu não estou preparada para pregar sobre raça na América. Tu *sabes* que a coisa vai ser intensa. Desde as eleições, todos os eventos de livros de negros se transformaram numa sessão de chamamento para a consciência social.

— Tu deste à tua filha o nome de uma célebre lutadora pelos direitos civis. Não pertences ao movimento *woke*?

— Sim, mas como *passatempo*. A Belinda e os outros membros da mesa-redonda são verdadeiros *professionais*. Têm prémios da Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor e pertencem ao circuito dos *talk shows*! Qual foi a participante que desistiu com intoxicação alimentar?

Cece hesitou.

— A Zadie Smith.

Com um esgar de derrota, Eva fez deslizar o pacote de gelo para cima dos olhos.

— Cece, é uma mesa-redonda patrocinada pelo *The New York Times* no Museu de Brooklyn. Eu não sou uma escritora séria. Sou uma compra de último minuto no aeroporto.

Cece franziu o sobrolho.

— Sejamos totalmente francas. Andaste anos a tentar arranjar um acordo para um filme. Conseguiste finalmente uma produtora e agora não aparecem realizadores de qualidade porque a coleção *Amaldiçoados* se dirige a um nicho muito restrito. Mostra o teu poder a Hollywood! Isto vai ser um tesouro de relações públicas. Bem, isto e o Prémio de Excelência Literária Negra de 2019 que vais ganhar no domingo.

— Achas que vou ganhar?

— O *Amaldiçoados 14* tem uma cena de sexo a três com um vampiro, uma bruxa e uma sereia — fez notar Cece. — Vais ganhar nem que seja só pela audácia.

Eva resmungou para a almofada do sofá.

— Isto não é para mim.

— Estás nervosa por teres de partilhar o palco com a Belinda?  
A filha de uma *cabeleireira*?

Eva olhou para Cece, furiosa.

— A Beyoncé é filha de uma cabeleireira.

— Certo. Vai explicar à Audre porque é que estás com medo de experimentar coisas novas.

Eva levantou os braços. É claro que Cece a apanhara ao referir Audre. Sempre que Eva fazia alguma coisa, ponderava o que a filha iria pensar.

A educação de Eva não era a recomendada pelos blogues de mães. Comiam muitas vezes pizza ao jantar e adormeciam a ver a série *Succession*, e, uma vez que os serviços de assistência infantil eram um luxo, Audre participava em demasiados eventos de adultos. Além disso, nos dias das dores de cabeça, Eva concedia a Audre tempo ilimitado no *TikTok* para poder descansar um pouco.

Mas Eva não se martirizava com estas coisas. O que lhe interessava em matéria de cuidados maternos era dar um exemplo forte. Queria que, quando Audre auditasse as suas memórias, se lembrasse de uma mulher com coragem que criara uma vida do zero. Sem nenhum homem, sem nenhuma ajuda, sem problema nenhum.

*O mito da supermãe solteira*, pensou. *E é um logro.*

Pressionou as mãos sobre os olhos.

— O que é que eu vou vestir?

Cece riu-se.

— Já tenho um conjunto *Gucci* reservado para ti. És encantadora, mas vestes-te como se estivesses a apresentar um *podcast* de *hip-hop* — disse ela, com um suspiro. — Vai ser uma aventura! Os escritores precisam de estímulos. O teu dia não se pode resumir a memorizar as tuas avaliações positivas na *Amazon*. Tem de ter mais emoção.

— Eu já não faço isso — protestou Eva.

— Por falar em estímulos, importas-te de voltar a consultar o *Tinder*? Quando foi a última vez em que conheceste alguém que não tenhas ignorado ao fim de três encontros?

— Estou a fazer-lhes um favor ao ignorá-los. — Eva apontou para as cuecas de Mulher Maravilha. — Estarias interessada em foder isto?

— Há fetiches para todos os gostos — disse Cece, generosamente. Eva esboçou um sorriso.

— Quando me sinto sozinha, dou uma olhadela ao *Tinder* para me lembrar do que tenho andado a perder. Que é tipos com barbas com óleo de coco a posar junto aos mesmos murais de Dumbo, com perfis totalmente escritos com *emojis*. E depois lembro-me de que não me sinto sozinha. Apenas estou *só*. Quando estou em estado comatoso de tanto escrever e de cuidar da minha filha, quando estou a sofrer tanto que não consigo cozinhar, falar nem sorrir, enrosco-me no «*só*» como uma manta de proteção. O *só* não se importa que eu não rape as pernas no inverno. O *só* nunca se desilude comigo. — Eva suspirou. — É a minha melhor relação de sempre.

— Isso é uma metáfora ou estás a falar de um homem chamado *Só*? — perguntou Cece.

— Não podes estar a falar a sério.

— O meu porteiro é um *rapper* do *SoundCloud* chamado Sincero. Nunca se sabe.

— Eu gosto de ser solteira — continuou Eva, em voz baixa. — Não quero que ninguém tenha de me conhecer de verdade.

Ficaram sentadas em silêncio, Eva a puxar absortamente a pulseira de borracha que tinha no pulso.

— Tenho medo — admitiu, por fim.

— Ainda bem. — Cece deu-lhe um beijo na face. — Já vi aquilo que consegues fazer quando tens medo.

**Sete dias para se apaixonarem,  
quinze anos para esquecerem  
e sete dias para recuperarem tudo de novo...**

Quando Eva Mercy e Shane Hall se cruzam num evento literário em Nova Iorque, a faísca entre os dois é inegável, deixando toda a comunidade de autores negros em polvorosa. À primeira vista, Eva e Shane nada têm em comum. Ela é uma famosa autora de fantasia erótica que vive com a filha de 12 anos. Ele é um enigmático autor de ficção literária que se esquiva às luzes da ribalta.

O que ninguém sabe é que, quinze anos antes, quando eram adolescentes, Eva e Shane passaram uma intensa semana juntos, sete dias que lhes mudaram a vida para sempre. Agora, além de não conseguirem negar a química que ainda os une, começam a ter dificuldade em continuar a esconder um passado partilhado que influenciou a escrita de ambos.

Durante uma quente semana de Junho, Eva e Shane reaproximam-se, mas ela não tem a certeza de poder confiar no homem que lhe partiu o coração e só quer que ele se vá embora rapidamente, para conseguir recuperar o equilíbrio da sua vida. Mas antes que Shane volte a desaparecer, Eva precisa que ele lhe responda a algumas das perguntas que ficaram tantos anos sem resposta.




«A história de amor bem construída seria suficiente para deliciar os leitores, mas Tia Williams também explora a maternidade, a feminilidade, a paixão pela escrita e a ténue linha entre romance e desgosto de amor.»

**BOOKLIST**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Traduzida

 penguinlivros.pt  
  topseller.editora

ISBN 9789896234294



9 789896 234294 >